



**VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

Eixo: Fluxos migratórios e políticas públicas

Emigração haitiana qualificada: determinantes históricos e socioeconômicos

Francilene Bernardo Cordeiro Rôas¹

Ethol Exime²

Resumo: Este trabalho objetiva identificar os determinantes que fundamentam a emigração haitiana qualificada, problematizando os fatores estruturais que impulsionam a mobilidade internacional desses profissionais e as condições que marcam sua inserção nos países de destino. O problema centra-se nas dificuldades estruturais que limitam oportunidades profissionais, apesar da formação acadêmica desses migrantes. Trata-se de uma revisão bibliográfica que envolve a análise de produções a respeito da temática. Os resultados indicam que a marginalização histórica do Haiti, associada à fragilidade econômica e política, bem como o subemprego e barreiras estruturais no Brasil, contribuem para a continuidade da mobilidade internacional de profissionais haitianos qualificados.

Palavras-chave: Emigração Haitiana; Mobilidade Internacional; Determinantes Históricos; Determinantes socioeconômicos.

Abstract: This study aims to identify the determinants of qualified Haitian emigration, problematizing the structural factors that drive the international mobility of these professionals and the conditions that mark their insertion into destination countries. The problem concerns the structural difficulties that limit the professional opportunities for these migrants, despite their academic education. This is a bibliographic review that analyzes publications on the subject. The results indicate that the historical marginalization of Haiti, associated with economic and political fragility, as well as underemployment and structural barriers in Brazil, contributes to the ongoing international mobility of qualified Haitian professionals.

Keywords: Haitian Emigration; International Mobility; Historical Determinants; Socioeconomic Determinants.

¹ Graduada em Serviço Social e Graduada em Administração pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutoranda em Serviço Social e Política Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Administradora da Universidade Estadual do Paraná. E-mail: fran_lenebernardo@hotmail.com.

² Graduado em Relações Internacionais. Mestre e doutor em Desenvolvimento Rural Sustentável pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista do CNPq. Pós-doutorando em Política Social e Serviço Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor substituto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Pesquisador do Grupo SER Saúde. E-mail: eeetholl@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo identificar os determinantes que fundamentam a emigração haitiana qualificada, problematizando os fatores estruturais que impulsionam a mobilidade internacional desses profissionais e as condições que marcam sua inserção nos países de destino. A relevância do estudo reside no fato de que, conforme destaca Mariana Schreiber (2015), embora muitos haitianos possuam formação acadêmica e qualificação profissional, frequentemente enfrentam dificuldades para acessar oportunidades de trabalho compatíveis com sua formação nos países para os quais migram. Em diversos casos, essa situação resulta em novos deslocamentos migratórios, motivados pela busca de melhores condições de vida, reconhecimento profissional e valorização de suas competências.

Nesse contexto, a chamada “fuga de cérebros” configura-se como um fenômeno relevante para a compreensão das dinâmicas sociais, econômicas e políticas que atravessam os processos migratórios contemporâneos. Conforme Emília Araújo e Filipe Ferreira (2013, p. 59), a expressão foi inicialmente¹ utilizada para designar o deslocamento internacional de indivíduos altamente qualificados, atraídos por oportunidades de trabalho que oferecem melhores recompensas econômicas, condições de pesquisa ou desenvolvimento profissional. Assim, o conceito evidencia não apenas a circulação internacional de talentos, mas também as desigualdades estruturais entre países que impulsionam a saída de profissionais qualificados.

A partir da crise econômica global de 2008, observa-se, contudo, uma transformação no uso do termo no discurso acadêmico e político. A noção tradicional de “fuga de cérebros” passa gradualmente a ser substituída pela ideia de mobilidade qualificada, ampliando o entendimento do fenômeno migratório. Nesse novo enquadramento analítico, o conceito de “cérebros” deixa de se restringir exclusivamente a pesquisadores ou profissionais altamente especializados, passando a incluir também indivíduos com formação superior, recém-graduados ou portadores de qualificações intermediárias. Além disso, evidencia-se que os processos migratórios não se explicam apenas pela busca de realização profissional, mas também por estratégias de sobrevivência e na busca da ciência (Araújo; Ferreira, 2013).

Mesmo não oferecendo, em muitos casos, condições estruturais plenamente favoráveis à inserção profissional de migrantes qualificados, o Brasil consolidou-se como um dos destinos possíveis para a mobilidade educacional e laboral de haitianos. No caso específico da população haitiana, segundo apontam Omar Ribeiro Thomaz e Sebastião Nascimento (2012), após o terremoto que devastou o Haiti em 2010, o governo brasileiro, amparado por uma opinião pública marcada por discursos de solidariedade internacional, anunciou iniciativas voltadas ao fortalecimento da educação haitiana, incluindo programas de cooperação acadêmica e incentivos à formação. Entretanto, embora recursos orçamentários tenham sido aprovados, a implementação efetiva dessas iniciativas revelou-se limitada e, em grande medida, reduzida ao longo do tempo.

Mesmo uma década após o desastre natural, o Brasil continuou caracterizando-se como um dos destinos para haitianos interessados em oportunidades de formação e qualificação

¹ Quando o termo começou a ser estudado, isto é, na década de 1960 (Araújo; Ferreira, 2013).



profissional. Dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), divulgados pelo portal G1 em 2021, indicam que aproximadamente 1,6 mil haitianos receberam vistos não apenas para fins de trabalho, mas também para estudos no país. Ressalta-se, contudo, que esse número pode ser ainda mais elevado, uma vez que não contempla situações em que atividades laborais ou educacionais são realizadas sem a formalização do visto correspondente.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizou-se uma revisão bibliográfica narrativa, de caráter interpretativo. Conforme destaca Minayo (2002), a revisão bibliográfica é um processo sistemático de levantamento e análise de produções acadêmicas e científicas, visando identificar conceitos, interpretações e pressupostos teóricos a respeito de determinado tema. Esse tipo de investigação é realizado a partir da consulta a bibliotecas, centros especializados, bases de dados e arquivos.

Foram analisados um total de dez trabalhos, publicados a partir de 2009, com concentração na década de 2010. O levantamento bibliográfico foi realizado por meio da consulta a diferentes bases de dados e repositórios acadêmicos, incluindo bibliotecas digitais de teses e dissertações, o Google Acadêmico e a base SciELO. Foram utilizados descritores como *“imigração haitiana”*, *“fuga de cérebros”*, *“desafios estruturais haitianos”*, *“educação haitiana”*, entre outros. Após o levantamento bibliográfico, a análise concentrou-se na compreensão das relações entre a mobilidade qualificada e os desafios estruturais que marcam a realidade haitiana.

Todavia, é importante reconhecer algumas limitações desta pesquisa, dentre as quais se destacam o número restrito de estudos dedicados especificamente à temática da emigração qualificada haitiana, a ausência de critérios de exclusão mais rigorosos, a dependência predominante de dados secundários e as dificuldades de acesso a informações atualizadas no que se refere ao fenômeno migratório. Ainda assim, os resultados obtidos permitem avançar na compreensão dos determinantes históricos e socioeconômicos que sustentam esse processo.

Por fim, o texto está organizado de forma a apresentar, inicialmente, uma discussão sobre mobilidade internacional qualificada e desigualdades socioeconômicas. Em seguida, os determinantes históricos relacionados à Revolução Haitiana, ao isolamento internacional e à marginalização econômica do Haiti. Posteriormente, apresentam-se dados que evidenciam a magnitude da emigração haitiana com o ensino superior no contexto latino-americano e caribenho. Por fim, problematiza os desafios enfrentados por esses profissionais no Brasil, especialmente sobre a inserção no mercado de trabalho e às condições de reconhecimento e valorização de sua qualificação.

DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento deste estudo parte da compreensão de que a emigração haitiana qualificada não pode ser explicada por fatores isolados, mas deve ser entendida a partir da articulação entre desigualdades socioeconômicas, processos históricos de longa duração e condições estruturais contemporâneas que influenciam a mobilidade internacional. Nessa perspectiva, examinam-se os elementos que conformam esses fluxos migratórios, considerando tanto o contexto histórico e socioeconômico do Haiti quanto as dinâmicas que marcam a inserção



desses profissionais nos países de destino.

Para Emília Araújo e Filip Ferreira (2013), os aspectos socioeconômicos influenciam os projetos políticos e sociais, manifestando-se de maneira desigual nos territórios. No contexto desfavorável, a mobilidade para regiões mais favorecidas por esses projetos torna-se uma alternativa frequente em busca de melhores condições de vida, especialmente para profissionais qualificados. Esse fenômeno, conhecido como fuga de cérebros, evidencia o impacto da desigualdade socioeconômica e territorial.

Desde a década de 1960, a fuga de cérebros tem sido debatido, especialmente em espaços acadêmicos e governamentais. Esse tema gera preocupação por revelar a dificuldade dos sistemas políticos nacionais em reter talentos e evidenciar a forte atração exercida por países estrangeiros, independentemente da titulação acadêmica dos emigrantes. Por outro lado, a emigração de pessoas sem qualificação profissional não desperta o mesmo nível de atenção e debate (Araújo; Ferreira, 2013).

Sylvie Didou Aupetit (2009) afirma que os países com tais dificuldades possuem desafios para oferecer oportunidades compatíveis com a qualificação de sua população. Entre eles, destaca-se o Haiti, que registra uma elevada proporção de emigrantes qualificados que, em grande parte, buscam melhores condições de trabalho e meios de subsistência, favorecendo o crescimento de outras economias. Essa realidade evidencia os desafios estruturais em reter talentos, resultando em uma emigração expressiva.

As dificuldades presentes nos sistemas políticos nacionais do Haiti, que dificultam a retenção de talentos, têm raízes históricas e são multicausais. O que se sabe, segundo Karine de Souza Silva e Luiza Lazzaron Noronha Perotto (2018), é que ele possui escassas relações comerciais, em grande parte devido a represálias de países estrangeiros em resposta à Revolução Haitiana, ocorrida a partir de 1791, que garantiu sua independência e inspirou movimentos escravagistas pelo mundo. Desse modo, a revolução desafiava a estrutura escravocrata que garantia os lucros das elites da época.

Para Aníbal Quijano (2005), a Revolução Haitiana foi um movimento nacional, social e racial, que resultou na desestabilização da ordem colonial. Nesse contexto, a população escravizada se manifestou com resistência diante das constantes incursões militares e tentativas de repressão por parte das potências coloniais, conquistando sua independência. Posteriormente, os colonizadores não conseguiram reverter a situação, mas impuseram a pobreza extrema, dado o pagamento de uma dívida indevida².

Sobre isso, Donizete Vasconcelos (2016) explica que a Revolução Haitiana e seu povo, ao inspirarem a luta contra a escravidão, foram vistos como um “mau exemplo” pelos países que mantinham o sistema escravista, evitando qualquer contato para preservar essa estrutura. Nessa

² Para Silva e Perotto (2018), em uma tentativa de superar as dificuldades, o presidente haitiano Jean-Pierre Boyer, em 1825, buscou um acordo com o rei francês Charles X. No entanto, o Haiti deveria pagar uma indenização pelos colonos expulsos durante a Revolução Haitiana, o que resultou em uma dívida de 150 milhões de francos, a ser quitada em cinco parcelas anuais. As escassas transações comerciais não foram suficientes para cobrir os pagamentos, forçando o país a vender seus escassos bens. - se tornando um dos principais obstáculos ao desenvolvimento do Haiti nos séculos seguintes e fortaleceu a economia francesa.



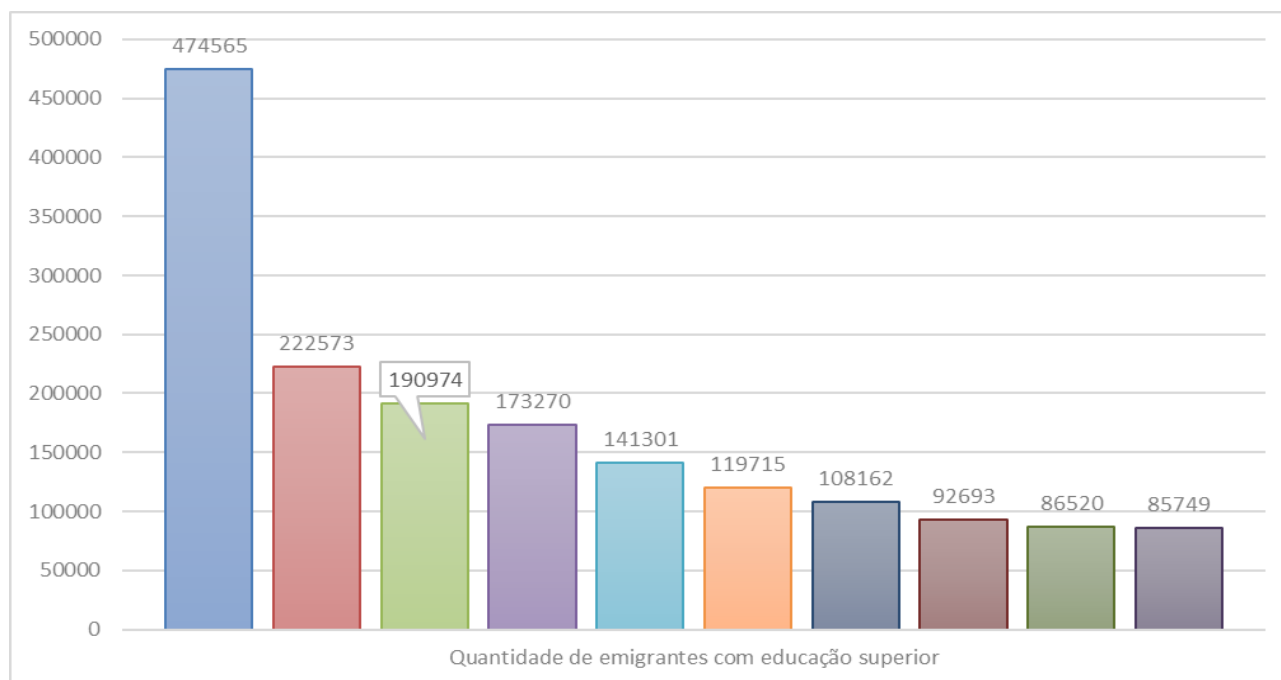
perspectiva, surgiu o haitianismo, que até hoje “estrutura-se como um conceito que busca dar conta do sentimento de terror e de repúdio ao sujeito haitiano” (Vasconcelos, 2016, p. 56).

A aversão ao Haiti resultou em políticas de isolamento e discriminação, enfraquecendo sua economia e intensificando os desafios socioeconômicos. Nesse cenário, tornam-se mais evidentes os elementos que Aupetit (2009, p. 34) descreve como "expulsão/atração", referindo-se às condições econômicas, sociais, políticas e ambientais que moldam os movimentos migratórios, influenciando a permanência ou a emigração em seu território. No Haiti, esses elementos foram afetados, acelerando os fluxos emigratórios e, como consequência, a fuga de cérebros.

Assim, os emigrantes haitianos são forçados a deixar seu país devido às condições socioeconômicas, que dificultam o crescimento profissional e a sobrevivência. Dados mostram que enquanto alguns países, como o México e o Chile, apresentam uma proporção significativa de imigrantes qualificados³, o Haiti se destaca como um foco de expulsão de talentos, já que oito em cada dez haitianos com diploma universitário vivem no exterior (Aupetit, 2009).

Entre os dez países latino-americanos e caribenhos que possuem emigrantes com ensino superior vivendo nos países da OCDE⁴, o Haiti se destaca, a saber:

Gráfico 01 – Distribuição dos 10 países latino-americanos e caribenhos com maior número de emigrantes com ensino superior que vivem em países da OCDE com base no censo de 2000.



Fonte: Marmolejo (2009)

O gráfico compara, com base no censo de 2000, o número de emigrantes latino-

³ Assim, 18,7% dos imigrantes no México têm diploma de nível superior, e 16,7% dos que se dirigem ao Chile também (Aupetit, 2009, p. 36)

⁴ A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é formada por países-membros que se dedicam a promover o desenvolvimento econômico e o bem-estar social. [...] Atualmente, a organização conta com 36 membros [...]. São eles: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Chile, Coreia do Sul, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Islândia, Irlanda, Israel, Itália, Japão, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, México, Nova Zelândia, Noruega, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Suécia, Suíça e Turquia.



americanos e caribenhos com ensino superior que migraram para os países da OCDE. Embora ocupe a oitava posição em números absolutos, o Haiti se destaca entre os dez primeiros da América Latina e do Caribe com o maior número de emigrantes qualificados, registrando 92.693 pessoas com educação superior.

O Haiti se destaca entre os dez países pela alta proporção de emigrantes qualificados em relação à sua população residente com o mesmo nível de ensino. Enquanto países como o México lideram em números absolutos devido à sua maior população, o Haiti apresenta um impacto proporcionalmente mais significativo na perda de recursos humanos, dado o tamanho menor de sua população, o que torna a perda de profissionais qualificados ainda maior. Neste contexto, destaque-se o nível de perda de qualificação pessoal no Haiti, pois se considera elevado (Marmolejo, 2009).

Considerando estudos mais recentes, Ethol Exime (2025), com base em fontes bibliográficas, realiza as seguintes considerações:

Os haitianos [...] devido aos desafios das mudanças climáticas, do desemprego e das crises políticas que aumentam a fome, a pobreza, a insegurança alimentar, as desigualdades sociais, bem como a falta de recursos multiplicada pela corrupção, impulsionam a mobilidade internacional (Exime, 2025, p. 2).

Nesse contexto, muitos haitianos não conseguem permanecer em seu país de origem em razão das recorrentes crises naturais, sociais e culturais que marcam a realidade nacional. O Haiti situa-se na região do Caribe, compartilhando a ilha de Hispaniola com a República Dominicana. Com uma população aproximada de 11 milhões de habitantes, o país enfrenta graves desigualdades socioeconômicas, sendo que cerca de 60% da população vive em condições de extrema pobreza e insegurança alimentar. Esse cenário agravou-se significativamente após o terremoto de 2010, que provocou grande devastação e aprofundou as vulnerabilidades estruturais existentes (Exime, 2025).

Além das barreiras provocadas pela instabilidade política e vulnerabilidade social, ainda enfrenta as consequências de desastres naturais, como o terremoto que atingiu o Haiti em 2010, que, conforme Fritznel Alphonse e José Rivair Macedo (2017), resultou em danos estruturais e fechamento temporário de várias instituições - não só comprometeu a infraestrutura física das universidades, mas também agravou a crise educacional do país.

Adicionalmente, os desastres, a instabilidade decorrente da fragilidade das estruturas estatais e os conflitos violentos envolvendo grupos armados no centro de Porto Príncipe favoreceram o deslocamento interno expressivo de haitianos. Estimativas indicam que 171 mil pessoas deixaram os principais centros urbanos, sobretudo a capital. Esse conjunto de fatores impulsionou processos de migração internacional forçada, nos quais muitos passaram a buscar melhores condições de vida em outros países (Exime, 2026). Nesse contexto, o Brasil passou a configurar-se como um importante destino para essa população. Contudo, os imigrantes enfrentam diversos obstáculos, entre eles as dificuldades de inserção no mercado de trabalho e o aumento do desemprego — que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),



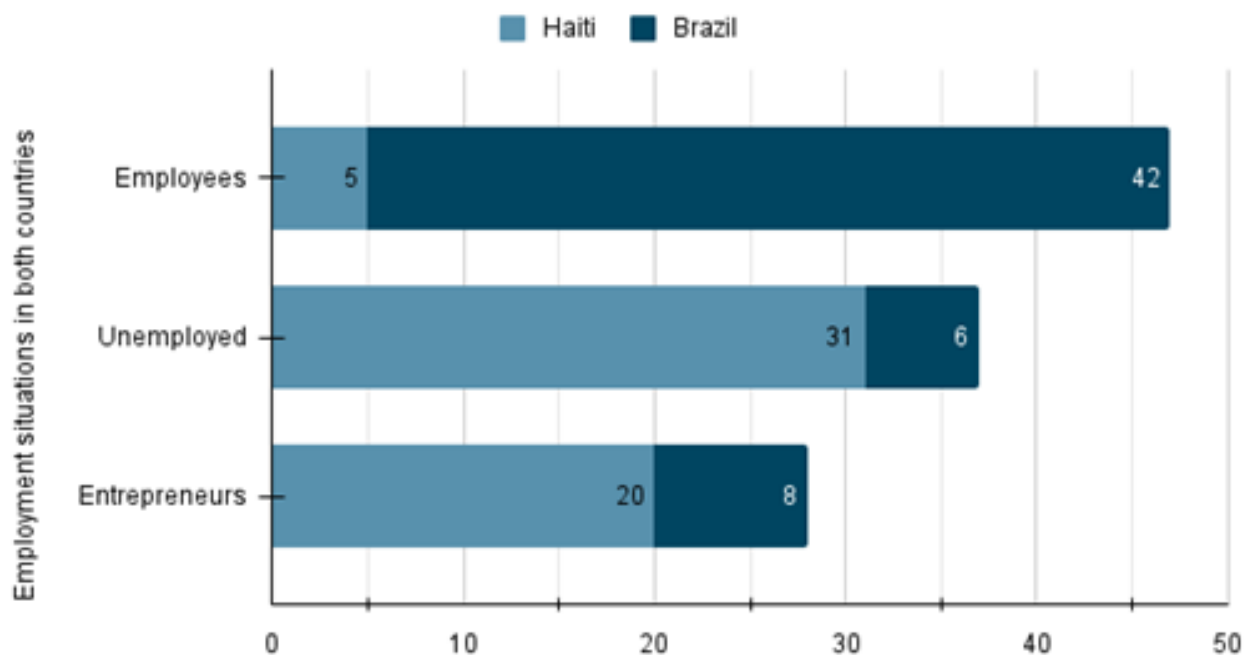
especialmente durante o período da pandemia de Covid-19⁵, variou entre 10% e 13,7% (Exime, 2025).

Com a instabilidade política, vulnerabilidade social, consequências dos desastres naturais e a violência, o Brasil foi incluído na rota do fluxo migratório haitiano, embora seja visto como uma sociedade acolhedora e multicultural, as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes permanecem. De acordo com Alice Krämer Iorra Schmidt, Marta Luisa Piccinini e Márcia Solange Volkmer (2016), a sociedade brasileira carece de estruturas políticas e jurídicas que promovam efetivamente a igualdade, a inclusão e a valorização cultural dos imigrantes. Nesse cenário, os desafios sociais, culturais, educacionais e trabalhistas tendem a se intensificar, o que pode motivar a fuga de cérebros.

Exime (2025) apresenta o gráfico a seguir, elaborado a partir de um questionário aplicado em 2024, que aborda a situação de emprego dos haitianos no Haiti e no Brasil:

Gráfico 02 - Situação de emprego dos haitianos antes da imigração versus o contexto de emprego brasileiro.

Haiti and Brazil



Fonte: Exime (2025, p. 19)

Os dados apresentam as condições de trabalho nos dois países, com ênfase na realidade dos haitianos, buscando compreender como se configurava sua situação laboral antes da migração para o Brasil. A comparação dos resultados indica que, no Brasil, observa-se uma quantidade expressiva de haitianos inseridos no mercado de trabalho, totalizando 42 participantes empregados, enquanto 6 se encontravam desempregados. Além disso, 8 haitianos desenvolviam atividades empreendedoras no país. Em contraste, no Haiti identificou-se um cenário marcado por

⁵ Crise sanitária associada ao novo coronavírus SARS-CoV-2, inicialmente identificado em Wuhan, na China (Exime, 2025).



forte crise de emprego: naquele momento, apenas 5 participantes possuíam trabalho, ao passo que 31 estavam sem ocupação.

Conforme Exime (2025), no contexto haitiano, as atividades empreendedoras estavam concentradas em ocupações ligadas ao pequeno comércio, às práticas agrícolas, à pesca e à comercialização de diferentes produtos. Entre aqueles que possuíam trabalho formal ou ocupação estável, destacavam-se profissionais que atuavam como professores do ensino básico, trabalhadores da enfermagem e da área agrônômica. A partir de bases de dados, o autor destaca que a discrepância observada entre as realidades dos dois países pode ser compreendida, em grande medida, a partir das diferenças nos níveis de desemprego: no Brasil, por exemplo, a taxa de desocupação registrou 7,7% no terceiro semestre de 2023 - entretanto, durante os anos marcados pela pandemia de Covid-19, esse indicador apresentou valores mais elevados, situando-se entre 10% e 13,7%; no Haiti, por outro lado, o desemprego apresenta níveis historicamente mais elevados: aproximadamente 30% da população haitiana encontrava-se sem ocupação em 2020, percentual que se torna ainda mais expressivo quando considerado o grupo juvenil, no qual cerca da metade dos jovens estava fora do mercado de trabalho (Exime, 2025).

Diante das dificuldades no Haiti, observa-se a fuga de cérebros, caracterizado pela migração de profissionais qualificados que são forçados a deixar o país de origem. (Exime, 2025). Todavia, no Brasil, a população imigrante encontra dificuldades para ingressar no mercado de trabalho em funções adequadas a sua formação educacional. De acordo com Mariana Schreiber (2015), com base nos dados do Ministério do Trabalho e da Fundação Getúlio Vargas, uma pequena parcela dos haitianos com formação superior consegue um emprego compatível com sua qualificação. Esse fato revela barreiras que dificultam a integração dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro.

Esse dado é corroborado por estatísticas, a saber:

De acordo com os números [...] da RAIS [...], havia 440 imigrantes haitianos com curso superior trabalhando com carteira assinada no Brasil em 2014. Desse total, apenas 15 (3,4%) exerciam funções que exigiam diploma universitário. A grande maioria dos haitianos graduados ocupava cargos que demandam apenas ensino fundamental (302) ou médio (58). Esses grupos representam juntos 82% dos haitianos com curso superior empregados no Brasil. O restante tinha empregos de nível técnico (59) ou sem exigência de qualificação (5). Apenas um ocupava um emprego com requisito de pós-graduação (Schreiber, 2015, p. 2).

Esses dados revelam um quadro de desajuste entre a formação acadêmica e as funções desempenhadas pelas pessoas haitianas. A grande maioria desses trabalhadores ocupa posições que exigem escolaridade inferior à que possuem, o que reflete a dificuldade de inserção de profissionais qualificados no mercado de trabalho formal. Tal cenário evidencia as barreiras estruturais que impedem a plena valorização das qualificações desses imigrantes e refugiados no Brasil (Schreiber, 2015).

No Brasil, a precariedade das condições de trabalho e a falta de oportunidades para haitianos formados impulsionaram a “fuga de cérebros”. Dominique Antoine e Wagner Roberto do Amaral (2022) apontam que a dificuldade financeira, que inviabiliza o envio de recursos ao Haiti — expressão de solidariedade e vínculo com o país —, é um dos principais fatores dessa migração. Além disso, a diáspora haitiana no Brasil é vista pela própria comunidade como “um *ti dyaspora*



(pequena diápora), [...] uma representação social de um status desvalorizado devido a seu salário irrisório que não confere-lhe uma ascensão social” (Antoine; Amaral, 2022, p. 1).

Tratando-se da questão salarial, Exime (2025), a partir da aplicação de um questionário in loco aplicado em 2024, apresentou a seguinte tabela:

Tabela 01 – Renda dos imigrantes haitianos após a pandemia

Medida Estatística	Salários durante a pandemia	Salários após a pandemia
Mínimo	R\$ 800,00	R\$ 0,00
1º Quartil	R\$ 880,00	R\$ 1.300,00
Mediana	R\$ 1.300,00	R\$ 1.800,00
Média	R\$ 1.007,69	R\$ 1.678,18
3º Quartil	R\$ 1.300,00	R\$ 2.200,00
Máximo	R\$ 2.500,00	R\$ 3.300,00

Fonte: Exime (2025, p. 23)

A análise foi realizada com base nos 56 participantes, considerando o conjunto de rendimentos totais declarados. Como referência para avaliar os ganhos obtidos pelos haitianos, adotou-se o valor médio da renda do trabalhador brasileiro, estimado em R\$ 2.982,00. A partir desse parâmetro, examinam-se os níveis de renda dos imigrantes haitianos nos períodos durante e após a pandemia de Covid-19, evidenciando diferenças relevantes entre esses momentos. No intervalo correspondente à pandemia, a mediana dos salários foi de R\$ 1.300,00, enquanto o valor médio alcançado foi de R\$ 1.007,69. Já no período posterior à crise sanitária, verificou-se um aumento nos rendimentos, com mediana de R\$ 1.800,00 e média de R\$ 1.678,18 entre os pesquisados.

Muitos haitianos, que vivem no Brasil, possuem qualificações e formação técnica, como mostra o quadro a seguir formulado por Exime (2025) a partir de um questionário e pesquisa in loco no ano de 2024:

Tabela 02 - Profissões e escolaridade de haitianos imigrantes

Nível 1	Nível 2	Nível 3
02 Engenheiros de Computação	02 Técnico de instalação e manutenção de ar condicionado	03 Sem instruções
02 Enfermeira	10 pedreiros profissionais	
04 Jornalista	01 Técnico Mecânico	
01 Professor de Informática	01 técnico de fotografia profissional	
01 Jornalismo cultural	02 Comerciantes	
03 Professor universitário	03 Eletricistas	
01 Técnico Agrônomo	01 Técnico Mecânico, Pintor	
05 Professor(a) de educação infantil	01 Vendedor comercial	
01 Professor profissional	07 Profissional da construção civil	
	03 arte/artista	
	02 Músico	

Fonte: Exime (2025, p. 25)

Esses dados permitem ampliar o entendimento acerca da realidade econômica dos haitianos, especialmente sobre os níveis de renda. Quanto à formação educacional, os imigrantes haitianos foram classificados em três categorias, organizadas conforme o grau de escolaridade alcançado. O Nível 1 reúne aqueles que concluíram o ensino superior; o Nível 2 corresponde aos que possuem formação técnico-profissional; e o Nível 3 inclui participantes que não possuem



qualificação formal ou não tiveram acesso à escolarização específica. Os resultados indicam a presença de profissionais formados em diferentes áreas do conhecimento – o que evidencia o conjunto de competências e saberes diversos desses imigrantes. Essas qualificações representam um potencial relevante de contribuição para diversos segmentos da economia brasileira (Exime, 2025, p. 25).

A análise indica que, a partir do segundo nível de escolaridade, aparecem imigrantes com capacitação ou experiência em áreas de que o mercado laboral brasileiro necessita. Contudo, apesar desse conjunto de qualificações, observa-se que grande parte desses trabalhadores não está inserida em atividades compatíveis com sua formação. Entre os 56 participantes investigados, somente 11 exercem funções relacionadas às áreas nas quais foram formados no Haiti. Além disso, quatro entrevistados conseguiram atuar diretamente em suas áreas de especialização após realizarem cursos ou aperfeiçoamentos profissionais no Brasil. Em contrapartida, a maior parcela — correspondente a 41 participantes — encontra-se desempenhando ocupações de baixa qualificação, muitas vezes distantes de sua trajetória educacional e profissional.

Ademais, conforme Francilene Bernardo Cordeiro Rôas (2022, p. 55), a noção de raça assume um papel central na constituição da identidade haitiana. A autora, apoiando-se em Marivânia Conceição Araújo (2004), assinala que, até o início do século XX, a difusão dessa concepção esteve amplamente presente nas esferas da vida social, propagando o discurso das diferenças nas estruturas intelectual e biológica das pessoas conforme suas etnias – como, a população imigrante, negra, indígena, amarela e branca –, enfatizando sua separação e, por isso, “não se relacionavam e deviam ocupar diferentes posições na sociedade”. Consequentemente, uma hierarquia é imposta às pessoas, de modo a inferiorizar aqueles que detêm culturas e fenótipos não brancos.

Nesse contexto, consolidaram-se representações sociais que produziram e legitimaram a inferiorização da população negra. Conforme Rôas (2022, p. 56), com base nas reflexões de Araújo (2004), a noção de raça não possui fundamento natural, sendo, na realidade, uma construção histórica e social. A autora destaca que, ao serem considerados inferiores, determinados grupos passaram a ser vistos como necessitados de orientação e controle, o que contribuiu para legitimar práticas de escravização, subordinação e dominação exercidas por pessoas brancas sobre populações negras. Ademais, o discurso equivocado que atribuía naturalidade à ideia de raça foi amplamente difundido como forma de justificar a contenção de conflitos e a suposta promoção do progresso nos territórios submetidos à colonização - tal concepção colaborou para consolidar estruturas de dominação em diferentes partes do mundo.

Conforme aponta Rôas (2022), a partir das reflexões de Araújo (2004), ainda que a ciência já tenha demonstrado que não existem diferenças humanas fundamentadas em características fenotípicas, tais concepções continuam presentes na sociedade. A autora indica que a permanência dessas ideias está relacionada à força histórica do preconceito direcionado a determinados grupos étnicos, o qual consolidou percepções de desigualdade e dificultou a superação dessas crenças, mesmo diante das evidências científicas. Nesse contexto, observa-se



que os haitianos frequentemente são colocados em posições de inferiorização social, tornando-se alvo de preconceito, discriminação e práticas racistas (Exime, 2026).

A população do Haiti frequentemente enfrenta o preconceito, a discriminação e o racismo. Segundo Vasconcelos (2016), os haitianos preservam e valorizam sua identidade negra e os vínculos históricos e culturais com o continente africano. Entretanto, em diversos contextos internacionais, o Haiti foi historicamente retratado por meio de representações negativas e estereotipadas, que o associam a imagens de atraso, violência ou primitivismo. Essas representações não recaem apenas sobre o território, mas também são projetadas sobre o próprio povo haitiano. Ao discutir a relação estabelecida entre Haiti e África, o autor aponta que essa conexão “faz com que o Haiti e o povo haitiano continuem deslocados, num entrelugar; nem africano, nem americano, mas carregando os estigmas que recaem sobre uns e outros, nos dois lados do Atlântico” (Vasconcelos, 2016, p. 227).

Diante do exposto, observa-se que a emigração haitiana qualificada resulta de um conjunto complexo de determinações históricas, políticas, econômicas e sociais, que se articulam desde o período colonial até as condições contemporâneas do país. As dificuldades estruturais do Haiti — agravadas por processos de isolamento internacional, instabilidade política, crises econômicas, desastres naturais e fragilidades institucionais — contribuem para a intensificação dos fluxos migratórios e para a saída de profissionais qualificados em busca de melhores oportunidades de vida e trabalho. Contudo, mesmo nos países de destino, como o Brasil, esses migrantes frequentemente enfrentam barreiras relacionadas à inserção profissional, à desvalorização de suas qualificações e à persistência de práticas de preconceito, discriminação e racismo. Assim, a chamada fuga de cérebros haitiana não deve ser compreendida apenas como uma decisão individual de mobilidade, mas como expressão de desigualdades estruturais e de processos históricos de marginalização que continuam a influenciar a trajetória social, econômica e profissional dessa população no cenário internacional.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

O presente artigo teve como objetivo identificar os determinantes que fundamentam a emigração haitiana qualificada, problematizando os fatores estruturais que impulsionam a mobilidade internacional desses profissionais e as condições que marcam sua inserção nos países de destino.

Os resultados indicam que a emigração haitiana qualificada está diretamente relacionada a um conjunto de determinações de longa duração, vinculadas ao processo histórico de constituição do Haiti no sistema internacional. Nesse sentido, a Revolução Haitiana, ao mesmo tempo em que representou uma ruptura radical com a ordem escravista e colonial, produziu reações internacionais duradouras, expressas no isolamento político, econômico e diplomático do país. Tal processo contribuiu para o enfraquecimento de sua economia, para a limitação das relações comerciais e para a ampliação de obstáculos ao desenvolvimento institucional e à retenção de profissionais qualificados. Assim, o fenômeno contemporâneo da fuga de cérebros haitiana revela-se inseparável da marginalização histórica imposta ao país.



Além desse legado histórico, o estudo evidenciou que a emigração qualificada haitiana também é impulsionada por condições estruturais contemporâneas, como a pobreza, o desemprego, a insegurança alimentar, a instabilidade política, a fragilidade institucional, a violência e os impactos recorrentes de desastres naturais. O terremoto de 2010 aprofundou ainda mais esse cenário, agravando a precariedade das condições de vida e comprometendo instituições fundamentais, inclusive no campo educacional. Em tal contexto, a mobilidade internacional passa a constituir não apenas um projeto de ascensão social e profissional, mas também uma estratégia de sobrevivência diante da incapacidade estrutural do país de assegurar condições dignas de existência e perspectivas de inserção compatíveis com a formação de sua população.

No caso brasileiro, a pesquisa permitiu constatar que, embora o país tenha se consolidado como um dos destinos da migração haitiana, sobretudo após 2010, a inserção desses profissionais é marcada por inúmeras contradições. De um lado, o Brasil aparece como espaço de possibilidade de trabalho, estudo; de outro, os dados analisados demonstram que grande parte dos haitianos com formação superior ou técnico-profissional não consegue acessar postos compatíveis com sua qualificação. Predominam, assim, situações de subemprego, desajuste ocupacional, baixos salários e reduzidas possibilidades de ascensão social, o que pode estimular novos deslocamentos e reforçar a continuidade da mobilidade migratória.

Para além da dimensão econômica e laboral, o estudo mostrou que a experiência migratória haitiana também é atravessada por processos de racialização, preconceito, discriminação e racismo. A permanência histórica da ideia de raça como mecanismo de hierarquização social contribui para a inferiorização da população negra e incide diretamente sobre os haitianos, cuja identidade negra e vinculação simbólica com o continente africano são frequentemente alvo de estigmatização. Desse modo, as dificuldades enfrentadas por esses migrantes não se resumem à falta de reconhecimento profissional, mas se articulam também a barreiras socioculturais e raciais que limitam sua integração social e aprofundam sua vulnerabilidade nos países de destino.

Diante disso, considera-se que a chamada fuga de cérebros haitiana deve ser compreendida como expressão de desigualdades estruturais historicamente produzidas e continuamente reproduzidas, e não como simples resultado da livre circulação de trabalhadores qualificados. Trata-se de um fenômeno que evidencia, simultaneamente, a incapacidade do Haiti de reter sua força de trabalho qualificada em razão de condicionantes históricos e estruturais e os limites dos países receptores, como o Brasil, em assegurar condições efetivas de valorização profissional, reconhecimento de diplomas, inserção ocupacional condizente e inclusão social.

Por fim, considera-se que o enfrentamento desse quadro exige a formulação de políticas públicas articuladas em diferentes níveis. No Haiti, torna-se fundamental o fortalecimento das condições estruturais de permanência, com investimentos em educação, trabalho, estabilidade institucional e desenvolvimento social. Nos países de destino, especialmente no Brasil, é indispensável avançar na construção de políticas migratórias e laborais que garantam reconhecimento da formação, ampliação do acesso ao trabalho qualificado, proteção social e



enfrentamento ao racismo e à discriminação. Ainda assim, a análise realizada contribui para ampliar o debate sobre os vínculos entre mobilidade internacional, desigualdades históricas, racialização e precarização da vida de profissionais haitianos no cenário contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ALPHONSE, Fritznel; MACEDO, José Rivair. O programa Pró-Haiti nas universidades públicas brasileiras (2011-2016). **Temáticas**, v. 25, n. 49, p. 233-270, 2017.

ANTOINE, Dominique; DO AMARAL, Wagner Roberto. A saída da diáspora haitiana do Brasil. In: **Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: desafios contemporâneos; Seminário Nacional de Território e Gestão de Políticas Sociais; Congresso de Direito à Cidade e Justiça Ambiental**. 2022. p. e2593-e2593.

ARAÚJO, Emília; FERREIRA, Filipe. UM DEBATE SOBRE MOBILIDADE, Para. A “Fuga de Cérebros”: um discurso multidimensional. **Edição: Emília Araújo, Margarida Fontes e Sofia Bento**, 2013.

AUPETIT, Sylvie Didou. ¿Pérdida de cerebros y ganancia de saberes?: la movilidad internacional de recursos humanos altamente calificados en América Latina y el Caribe. **Fuga de cerebros, movilidad académica, redes científicas**, v. 25, 2009.

DE SOUZA SILVA, Karine; PEROTTO, Luiza Lazzaron Noronha. A zona do não-ser do direito internacional: os povos negros e a revolução haitiana. *Revista Direito e Justiça: Reflexões Sociojurídicas*, v. 18, n. 32, p. 125-153, 2018.

EXIME, Ethol. Revolted, subordinated and despised: Haitian kindness and the challenges of Haitian immigrant masculinity in Brazil. Socarxiv, v. 1 Disponível em: https://doi.org/10.31235/osf.io/h7qg6_v1. Acesso em: 6 mar. 2026.

_____. Informative immigration solidarity: an advanced study on solidarity among haitians in Brazil. *Papeles de Población*, Toluca, v. 31, n. 120, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.22185/24487147.2025.120.17>. Acesso em: 4 mar. 2026.

G1. 1,6 mil haitianos receberam visto para trabalhar e estudar no Brasil em 2011. 2012. Disponível em: <<https://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/01/16-mil-haitianos-receberam-visto-para-trabalhar-e-estudar-no-brasil-em-2011.html>>. Acesso em: 8 nov. 2024.

MARMOLEJO, Francisco. Redes, movilidad académica y fuga de cerebros en América del Norte: el caso de los académicos mexicanos. *Fuga de cerebros, movilidad académica, redes científicas*, p. 101, 2009.

QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 55, Dec, 2005.

SCHREIBER, Mariana. Haitianos graduados têm mais dificuldade para se empregar que outros imigrantes, diz FGV. 2015.

SCHMIDT, Alice Krämer Iorra; PICCININI, Marta Luisa; VOLKMER, Márcia Solange. O acesso à educação aos imigrantes haitianos em uma escola pública de Arroio do Meio. **Revista Signos**, v. 37, n. 2, 2016.

THOMAZ, Omar Ribeiro; NASCIMENTO, Sebastião. Fronteira social e fronteira de serviço. 2012. Disponível em: <<https://educarparaomundo.wordpress.com/2012/01/28/fronteira-social-e-fronteira-de-servico-de-omar-ribeiro-thomaz-e-sebastiao-nascimento/>>. Acesso em: 8 nov. 2024.

RÔAS, Francilene Bernardo Cordeiro. *As mulheres haitianas em Paranavaí, Paraná: um estudo sobre identidades e autoestima*. 2022. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) –



Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022

VASCONCELOS, Alex Donizete. Identidade haitiana na história, na literatura e em discursos midiáticos do Haiti, da República Dominicana e dos Estados Unidos (2004- 2014). 2016. Doutorado em História (Tese de Doutorado), Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 2016.